



AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE UM CURSO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

LEARNING ASSESSMENT IN DISTANCE EDUCATION: ANALYSIS OF THE ACTIVITIES OF A COURSE IN FOREIGN LANGUAGE

- **Thereza Cristine Santos Costa** (Universidade Federal de Alagoas - therezaufal@hotmail.com)
- **Cleide Jane de Sá Araújo Costa** (Universidade Federal de Alagoas - cleidejanesa@gmail.com)

Resumo:

A avaliação da aprendizagem na Educação a Distância (EAD), não precisa ser priorizada apenas pelo resultado final, ou seja, por uma avaliação somativa, pois ela integra ao processo contínuo de ensino e aprendizagem. Nesse cenário, as sugestões das atividades postadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) poderiam potencializar o desenvolvimento de cognição do estudante, já que na execução de uma resolução de problemas o estudante refletiria tal questionamento. Nesse sentido, nossa investigação questiona como essas atividades são apresentadas nesse processo de avaliação da aprendizagem por meio do AVA. Utilizaremos como embasamento teórico autores como Almeida (2003), Heemann e Townsend (2015), Silva (2004), Moraes et al. (2014), Batista (2015) entre outros. Desta maneira, o artigo apresenta análises das atividades solicitadas pelo AVA em uma disciplina do curso licenciatura em língua inglesa à distância pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) vinculada à Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Para fins de análise, a pesquisa é um estudo de caso com abordagem qualitativa. Os resultados na disciplina observada foram que a maioria das atividades ofertadas, apesar do AVA possibilitar outras ferramentas, ainda são baseados em métodos que visam apenas na transmissão de informações, impossibilitando outras maneiras da continuidade do processo da avaliação de aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação de aprendizagem, Educação a Distância (EaD), Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Abstract:

The evaluation of learning in Distance Education (EAD), need not be prioritized only the final result, that is, for a summative evaluation, because it integrates the continuous process of teaching and learning. In this scenario, the suggestions of activities posted on the Virtual Learning Environment (VLE) could enhance the student's cognitive development, since the implementation of a troubleshooting the student reflect such questioning. In this sense, our research questions how these activities are presented in this evaluation process of learning through the VLE. We use as theoretical framework authors such as Almeida (2003), Heemann and Townsend (2015), Silva (2004), Moraes et al. (2014), Baptist (2015) among others. In this way, the article presents analysis of activities requested by the AVA in a discipline of the course degree in English at a distance by the Open University of Brazil (UAB) linked to the Federal University of Alagoas (UFAL). For analysis purposes, research is a case study with a qualitative approach. The results were observed in the discipline that most activities offered, despite the AVA allow other tools, are still based on methods that target only the transmission of





information, making it impossible for other ways of continuing the learning assessment process.

Keywords: *learning assessment, Distance Education (DE), Virtual Learning Environment (VLE).*

1. Introdução

A avaliação é um ato investigativo, afirma Castro et al. (2014), é uma forma de diagnosticar conhecimento, equivalente a uma pesquisa. Desta maneira, a avaliação busca desvendar a qualidade dessa realidade, ou seja, a qualidade do resultado e da produção do conhecimento (CASTRO et al., 2014, p. 8). Com a avaliação da aprendizagem não é diferente, segundo Heemann e Townsend (2015, p. 1) é um procedimento primordial no desenvolvimento dos aprendizes, para elas, avaliar o desempenho e o conhecimento requer qualidade, pois o ato de avaliar não pode expressar somente um conceito formal e quantitativo.

Nisso, atrelado à avaliação acreditamos que a aprendizagem é, então, um fenômeno mediado por dispositivos ou artefatos sociais que com a linguagem também é socialmente construída. (GERVAI; NININ, 2015, p.178). Desta forma, a linguagem é a principal ferramenta para a expressão da construção das relações que constituem a existência humana, pois “a comunicação implica diálogo, uma forma de relacionamento que coloca duas ou mais pessoas num processo de interação e de transformação contínua” (APARECI, 2012, p. 27). Ao considerar essa afirmação, acreditamos que com a evolução da tecnologia cada vez mais compartilhamos as trocas de informações, produzimos saberes e conseqüentemente utilizamos a linguagem em distintos meios/canais de comunicação para apresentar uma determinada mensagem. Apareci (2012), enfatiza a importância da linguagem, pois falamos alguma língua representando uma linguagem e nos comunicamos através dela, seja em áudio, escrita ou visualmente oportunizando todo acesso de informação.

Com a construção rápida e contínua de uma sociedade de informação – SI, como ressalta Coll e Monero (2010), nova relação social, novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas. Com isso, a educação também passa por processos de modificação que afetam no contexto de aquisição de uma nova língua, em seu ensino aprendizagem, nas possibilidades existentes da usabilidade e aplicabilidade de ferramentas da tecnologia da informação e comunicação (TIC), nas interfaces, nas estratégias pedagógicas, metodologias, abordagens, acessibilidade, espaço temporal e atemporal, formas assíncronas e síncronas, autonomia, autoria e entre outros.

Diante de tantas possibilidades de ensino e de aprendizagem em uma segunda língua (L2) construída e ressignificada tanto em ambientes presenciais quanto em ambientes virtuais de aprendizagem, faz-se necessário, como professor, repensar o ato da avaliação de aprendizagem e a formulação de atividades didáticas solicitadas, pois a escolha/ decisão desse material interfere no desenvolvimento do aprendiz. Silva e Cilentto (2014) sugerem reinventar as práticas docentes classicamente construídas entre quatro paredes. E complementam que para que isso seja executado é necessário que o professor esteja “inserido no contexto da cultura digital, desenvolvendo atitudes, modos de pensamento e práticas comunicacionais interativas no ciberespaço” (SILVA; CILENTO, 2014, p. 208).





Desta maneira, a avaliação implica também na ação de mediar o conhecimento, pois o agir com o outro no sentido de gerar conflitos (resoluções de tarefas) para que sejam resolvidos por meio de avanços no modo de pensar e no modo de agir (NININ, 2013, p.57), ou seja, o aprendiz pensa, reflete ao executar uma atividade. Sendo assim, diagnosticar/ avaliar um aprendiz apenas por um único veículo parece estabelecer e reconhecer uma espécie de nível empacotado de conhecimento, principalmente se implicar na formação de novos professores em idiomas.

Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo observar as atividades sugeridas em uma disciplina do curso em língua estrangeira (LE), especificamente na língua inglesa (LI) na formação de professores em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Sendo assim, a elaboração da pesquisa/artigo foi dividida em momentos: o primeiro tem como título a avaliação de aprendizagem e atividades em línguas estrangeiras em ambiente virtual, a fim apresentar conceitos de avaliação (Libâneo, 1994; Antunes, 2002; Lopes, 2000; Luckesi, 2011; Castro et al., 2014), associações ao ensino à avaliação atribuindo suas contribuições para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

No segundo, trazemos a avaliação de aprendizagem, o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e o ensino e aprendizagem em Língua inglesa, visando à importância dessa tecnologia como ambiente virtual de possibilidades e aprendizagem. Apresentamos a metodologia, como o terceiro momento, revelando estudo de caso como tipo da pesquisa, as etapas de aplicabilidade subdivididas em fases e escolha das atividades da disciplina observada seguido dos resultados, como quarto momento, análise e interpretação dos dados coletados e por fim, concluímos e referenciamos esse artigo, porém acreditamos no andamento da pesquisa, já que o ato de avaliação requer ação, movimento e continuidade no processo de construção do conhecimento do sujeito.

2. A avaliação de aprendizagem no contexto EaD

Ao avaliar, muitas vezes não tomamos conta da dimensão que é associada ao conceito dessa palavra, talvez por praticá-la inconstantemente. Em sua etimologia latina *valere*, a palavra avaliar esta ligada ao ter valor, apreciar, calcular algo e como ela é um verbo emite ação, movimento, efeito. (FRIAS; TAKAHASHI, 2002, p. 157). Para Bardini e Pinheiro (2003), também pode ser entendido como valor determinado pelos seus avaliadores. Desta maneira, podemos considerar que um avaliador pode atribuir diferentes valores para determinado caso como avaliar uma atividade de algum aprendiz, um professor poderia atribuir valor significativo de aprendizagem, já outro apenas de mera verificação de transmissão de informação, por exemplo.

E desta forma, precisamos ter cautela e conhecimento em associarmos à avaliação ao ensino e aprendizagem, pois atribuir valores, avaliar a aprendizagem de um aluno deve possuir definições e critérios que visem justamente um melhor entendimento do que defina essa prática. Como por exemplo, Libâneo (1994), conceitua a avaliação como uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Sendo formada em conjunto do professor com aluno comparando progressos, dificuldades e reorientações para as correções necessárias (LIBANEO, 1994, p.195). Desta forma, a avaliação é etapa que realimenta o processo ensino





e aprendizagem e indica os sucessos e as falhas obtidas possibilitando ações de correções e perspectivas construtivas de procedimentos educacionais. (ANTUNES, 2002, p. 55).

Com isso, constatamos que a avaliação é interligada ao processo de ensino e aprendizagem, pois, como descrito, ela realimenta o ensino refletindo as práticas de aprendizagem. Porém, infelizmente muitas vezes o ato de avaliar é ligado apenas aos acertos e erros o que implica na construção do conhecimento do aluno atribuído ao único valor de notas e exames/atividades e tarefas de múltiplas escolhas (CASTRO et al., 2014, p. 8).

Luckesi (2011) distingue bem os termos: Exame e Avaliação, para ele, o ato de avaliar é processual, inclusivo, dialógico e investigativo que implica em “dois processos articulados e indissociáveis: o de diagnosticar e o de decidir” (LUCKESI, 2011, p.182). Com isso, o ato de avaliar parte do agora, do contínuo, da investigação, da pesquisa para em processo propor resoluções de problemas. Já o Exame passa a ser seletivo, pontual, antidemocrático, classificatório, excludente e centrado no produto final (LUCKESI, 2011, p. 188).

Na área de ensino e aprendizagem em línguas estrangeiras a situação muitas vezes passa ser ainda mais delicada, pois os termos teste, exame, teste de nivelamento propõe justamente a avaliação como fator determinante de aprendizagem para simplesmente “avançar aos níveis e certificações” que implicam na formação do sujeito. Pessoa (2004, p. 233), revela que alguns autores denominavam a avaliação “como uma ‘força invasora’ que influenciava a educação” e que percorre nossos dias como algo que revela a capacidade ou incapacidade para um determinado assunto não visando o processo cognitivo, dificuldades, práticas pedagógicas e metodológicas.

É necessário compreender o que é educação a distância (EaD) e em que consiste uma avaliação desta modalidade de ensino, pois o sistema de EaD é organizado por todos os componentes do processo que o formam, como a aprendizagem, o ensino, a comunicação, o design instrucional e o gerenciamento e até mesmo a história e filosofia da instituição (TARUMOTO et al., 2015, p. 2-3). Contudo, devemos considerar os componentes que formam a educação à distância e como são integrados, simbolicamente representados por Iahn (2002, p. 27) nas cinco pontas de uma estrela representadas pelo professor, tutor, aluno, material didático e a avaliação.

Conforme apresentado pelo autor, a formação desses cinco componentes é essencial para a construção do conhecimento na educação à distância. Com atenção especial damos preferência ao fator de verificação de conhecimento que é justamente a avaliação. Nessa pesquisa, observaremos as atividades sugeridas e como atribuição de valores/decisão desse material interfere no desenvolvimento do aprendiz e conseqüentemente na avaliação de aprendizagem.

Duboc (2007), em sua pesquisa, revela contextos de ensino de língua inglesa que apresentam recorrentes problemas nas concepções e práticas avaliativas e podemos associá-las as atividades propostas entre elas, a autora menciona, a ênfase à avaliação de conteúdos objetivos como estáveis e memorizáveis. Belloni (2009), complementa que as atividades são, muitas vezes, elaboradas como divisão do trabalho/etapas, onde de forma descontextualizada os conteúdos são direcionados e geralmente a avaliação se resulta como um único modelo padronizado visando à educação de modo racionalizado e instrumental, onde o processo de ensino é segmentado em partes: os conteúdos, as disciplinas, as atividades e desta forma, acreditamos que esse processo não seja o adequado, já que





aprender de forma descontextualizada requer mais memorização do que de fato aprendizagem.

É necessário, como já mencionado, a reformulação de práticas e conceitos atrelados à educação e ao ensino, neste caso, ao de idioma. Para Lopes (2000), apesar de utilizar o termo *teste*, já que em todo esse artigo questionamos o significado atribuído a esta palavra, enfatiza o quanto é necessário o conceito de avaliação ser reformulado, pois ele acredita que no paradigma comunicativo tanto verbal como textual, está totalmente ligado ao ensino no contexto da avaliação. A única diferença da avaliação e do ensino, ele aponta, seria a quantidade de ajuda/ interação que o aprendiz recebe do professor ou de seus colegas, pois a ajuda que acontece normalmente na sala de aula não ocorre na hora do teste/avaliação, por questões de confiabilidade dos resultados (LOPES, 2000, p. 16).

Neste contexto, verificamos que o ambiente citado como sala de aula está mais associado ao presencial, porém atribuímos o mesmo valor para o ambiente virtual, ou seja, a sala de aula virtual, pois assim como para Luckesi (2011), acreditamos que só há ensino quando houver aprendizagem, pois tanto a avaliação quanto o ensino devem participar do mesmo contexto da aprendizagem.

Reconhecemos que no ambiente virtual com avanço da tecnologia vários fatores são observados, já que no processo de ensino e aprendizagem há uma atenção ainda maior, como por exemplo, na plataforma utilizada, nas ferramentas, na acessibilidade, no design ou interface escolhida e principalmente na avaliação de aprendizagem e em suas atividades didáticas que implicará ainda mais na construção do conhecimento do aluno.

3. A avaliação da aprendizagem, o ambiente virtual de aprendizagem e a língua inglesa

Heemann e Townsend (2015, p. 1), por se tratar de um procedimento primordial na seleção e no desenvolvimento dos alunos, avaliar o desempenho e o conhecimento de um indivíduo requer um planejamento de métodos e ferramentas. Assim, para uma avaliação significativa é preciso envolver, ouvir, conhecer e instigar a participação dos envolvidos. Geralmente, na avaliação de aprendizagem pouco possui importância os envolvidos, já que o resultado do produto atribui mais valor. Desta forma, Silva (2004, p. 32) complementa que “uma definição de avaliação deve considerar também o processo e não apenas o produto”.

Rogers, Sharp e Preece (2013, p. 322), observam que há importância da participação do usuário, que neste caso seria denominado como o aprendiz, pois para elas, a melhor maneira de garantir um bom desenvolvimento é simplesmente interagindo com os envolvidos, ou seja, ouvindo-os. Assim, o design da interação requer um alto nível de envolvimento em seu desenvolvimento, a interação é uma das características fundamentais de uma abordagem centrada no usuário/aluno (ROGERS, SHARP E PREECE, 2013, p. 331).

Em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), por exemplo, há inúmeras possibilidades para que ocorra a aquisição de conhecimento e o ato de avaliar deveria passar pela continuidade, já que a maioria do processo é registrado e armazenado (MORAES et al., 2015). Como software, o AVA auxilia na construção de cursos acessíveis por meio do computador conectado à internet favorecendo a avaliação de aprendizagem, gerenciamento, acompanhamento e a interação dos estudantes e professores.





De acordo com Almeida (2003, p. 331) a “interação num AVA é fundamental para que os alunos possam organizar suas ideias, compartilhar seus conhecimentos tornando-se sujeitos autônomos de sua aprendizagem”. Desta forma, consideramos que na avaliação da aprendizagem fatores como ambiente, avaliadores (tutores, professores) implicam na construção do conhecimento, pois a avaliação também é parte integrante do processo de formação de design da interação. O ambiente virtual de aprendizagem deve envolver, fazer parte e a partir disso possibilitar estratégias atrativas e motivadoras. Rogers, Sharp e Preece (2013), afirmam que atualmente os usuários/alunos esperam muito mais que apenas um sistema usável, mas também uma experiência agradável e envolvente. Assim, o design da interação e a avaliação estão intimamente ligados.

Para Scaramucci (2000), ainda há um grande descompasso ao ensino de Línguas Estrangeiras (LE) e a avaliação nos objetivos pedagógicos de como aprender e ensinar e o *modo de avaliar* o desempenho do aluno na aula de Língua Estrangeira, principalmente quando se trata da modalidade à distância e da construção de suas atividades didáticas. Por este motivo, Moraes et al.(2015), afirma a grande importância da observação das atividades sugeridas como material de análise para verificação de desempenho. Deste modo, Araújo Júnior e Marquesi (2009), apontam a composição de uma atividade em AVA e a associamos ao processo de avaliação.

As estratégias didáticas, segundo Araújo Júnior e Marquesi (2009), referem-se aos procedimentos e as técnicas específicas para o objetivo do ensino e aprendizagem, o que implica nas escolhas dos materiais e atividades didáticas. E o domínio seria, para eles, a área de conhecimento de aplicação das estratégias e nesse contexto a avaliação de aprendizagem deve fazer parte desse processo.

Diante disso, a formulação de atividades está ligada ao processo de avaliação de aprendizagem, já que também poderá diagnosticar o desenvolvimento do aprendiz. Neste caso, expomos a relevância e responsabilidade ao atribuir valor a uma atividade na formação de professores, pois tanto os conteúdos, as metodologias de trabalho quanto à avaliação devem ter relação, contemplados no processo de ensino e de aprendizagem, potencializando na EaD competências e habilidades a serem desenvolvidas no aprendiz.



Figura 1. Composição de uma atividade em AVA: Estratégia didática, domínio e recurso e atribuída à avaliação de aprendizagem.

Fonte: Adaptada de Araújo Júnior e Marquesi, 2009, p. 364.



Diante da relevância da elaboração de atividade em um AVA e atribuição de valor à verificação de aprendizagem, elaboramos uma pesquisa focada nas atividades didáticas adotadas em uma disciplina ofertada pelo Curso de licenciatura em habilitação em Língua Inglesa na Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

4. Metodologia

Para Ventura (2007), toda pesquisa científica necessita definir seu objeto de estudo e, a partir daí, construir um processo de investigação, delimitando o universo que será estudado. Assim, para ela “pesquisar requer fazer uma escolha” (VENTURA, 2007, p. 383). Desta forma, adotamos o estudo de caso como tipo de pesquisa.

A autora complementa que é preciso significado, objetivos definidos, estrutura e apresentação de evidências suficientes para a elaboração da pesquisa. Nisso, Yin (2001), afirma que o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto. E o seu propósito, revela Patton (2002), é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre o fenômeno analisado.

Diante do esclarecimento da metodologia especificada, buscamos seguir um delineamento para construção da análise do caso abordado. Segundo Gil (1995), o estudo de caso não aceita um roteiro rígido para a sua delimitação, mas é possível definir quatro fases que mostram o seu delineamento: (a) delimitação da unidade-caso; (b) coleta de dados; (c) seleção, análise e interpretação dos dados e (d) elaboração do relatório/artigo.

Na primeira fase (a) consiste em delimitar o caso. Para isso, delimitamos em analisar o Curso de licenciatura em habilitação em inglês na Universidade Federal de Alagoas – UFAL vinculado à Universidade Aberta do Brasil (UAB)¹ no período de 2015.1 e objetivamos verificar como ocorre o processo de avaliação de aprendizagem a partir das atividades didáticas. Na segunda fase (b), coletamos os dados que foram as atividades de uma disciplina disponível no ambiente virtual de aprendizagem. As atividades do curso analisado são desenvolvidas na modalidade à distância com momentos presenciais apenas no início e término de cada módulo, o que enfatiza os momentos a distância como primordiais para elaboração das tarefas, já que são apenas dois encontros presenciais.

Como terceira fase (c), para a realização da pesquisa, utilizamos como ferramenta de apoio o Ambiente Virtual de Aprendizagem de uma disciplina ofertada em 2015.1 com carga horária de 60h, com 24 participantes inscritos. Escolhemos essa disciplina e reconhecemos a importância por esclarecer o uso da língua, metodologias e estratégias sugeridas aos alunos que como futuros professores precisam mediar a segunda língua com profissionalismo e domínio da aplicabilidade e usabilidade em diferentes contextos. E, desta maneira, a escolha de atividade requer cautela e objetivos bem definidos para construção do conhecimento. E por fim, como fase (d), elaboramos esse artigo, a fim de evidenciar e registrar dados que

¹ A Universidade Aberta do Brasil (UAB) é um sistema integrado por universidades públicas que oferecem cursos de graduação por meio da educação à distância. Maiores informações no endereço: <http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=7836>.





motivaram indagações à pergunta inicial no contexto da avaliação de aprendizagem e as suas respectivas atividades didáticas.

5. Análise e interpretação dos dados coletados

Ao analisarmos as atividades da disciplina, levamos em consideração que, conforme afirma Fabiano (1999), reconhece-se, como professor, a importância de focalizar o processo de aprendizagem, mais do que a instrução, formulação de atividades e a transmissão de conteúdo, pois é mais relevante, para a autora, o “como” se sabe do que “o que e o quanto”, porque, para ela, aprender é saber realizar. Conhecer é compreender as relações, é atribuir significados às coisas, é avaliar o processo.

No que diz respeito às competências e habilidades ao ensino e estudo de idioma é o que se observa, segundo Fabiano (1999), que não se aprende a língua para fins comunicativos, ensina-se apenas a falar sobre a língua, mas não a falar a língua, a fazer uso dela para se comunicar.

Ou seja, muitas vezes as atividades solicitadas são voltadas apenas a sua estrutura, definições e conceitos já estabelecidos, não que não seja importante, mas também poderia apresentar possibilidades de usabilidade e aplicabilidade diferenciada, pois não há unicamente uma forma pronta para fins comunicativos de interação. Diante disso, ao observarmos a figura 2:

Study the previous dialog, then rewrite
negative and/or interrogative according

Simple Present

Aff: You **are** Brazilian.

Neg: You **aren't** Brazilian.

Int: **Are** you Brazilian?

Aff: Cezar is sick.

Neg: _____?

Int: _____?

FIGURA 2: Atividade observada no AVA

Fonte: Ava/ Moodle/UAB/UFAL

Ao sugerir, na figura 2, preenchimento da forma interrogativa e negativa seguindo o modelo, verificamos que na resolução dessa atividade o aprendiz só possui uma única forma de responder ao questionário, ou seja, reprodução contínua de estrutura sintática fixa. Desta forma, Batista (2015), revela que para a Abordagem Comunicativa, a comunicação real ou a competência comunicativa não se dá pela aprendizagem de conteúdos sistematizados e padronizados, como aprender de maneira isolada e descontextualizada, listas de vocabulário ou frases típicas para a “interação” em qualquer ambiente (BATISTA, 2015, p. 20). Na atividade analisada, considera-se que não ocorra imprevistos na oralidade ou situações que oportunizassem outras possibilidades de resposta. Então, a verificação de aprendizagem é





apoiada em exercícios repetitivos, afirma Geraldini (2014), em mera transmissão de informação e neste caso, mera memorização.

Observamos que no AVA é preciso proporcionar a motivação, socialização e fatores que possam proporcionar a sensação de proximidade, já que devemos considerar a distância de tempo e de espaço (ARAÚJO JÚNIOR e MARQUESI, 2009, p. 363). Assim, acreditamos que o papel da linguagem é crucial para que não haja entendimento e interpretações equivocadas, pois a elaboração das atividades deve apresentar em sua estrutura reflexão ao aprendiz, pois o exercício constante de refletir, investigar pode se apresentar como uma promissora possibilidade de desenvolver boas práticas pedagógicas na medida em que o simples fato de pensar sobre o que está sendo feito pode ser um passo importante para qualificar a própria prática docente (HEEMANN; TOWNSEND, 2015, p. 5), já que se trata de uma disciplina de curso para formação de professores.

A avaliação de aprendizagem visa, na disciplina observada, o preenchimento de enunciados, pontuações e avanços de nivelamento, já que nas apresentações iniciais da disciplina e em seu plano de disciplina há descrito as respectivas pontuações de cada ato realizado no ambiente. Não que haja problemas em verificar as pontuações de cada atividade, pois o aluno deve reconhecer seu desenvolvimento nos respectivos assuntos. No AVA da disciplina analisada, constatamos a postura corriqueira do professor em enfatizar a nota e participações a partir da realização das atividades postadas no ambiente com frases que indicam aos aprendizes a resolverem aos exercícios para obtenção de notas e não por conhecimento no assunto abordado.

Batista (2015, p. 264) enfatiza que os ensinamentos de língua estrangeira (LE) devem contemplar as reais necessidades dos alunos, para que eles usem a língua como um instrumento para realização de tarefas e não apenas de informação ou memorização. Para a autora, toda aprendizagem em língua estrangeira deve apresentar sentido, significado e interação entre sujeitos. Na figura 3, como observado abaixo, é solicitado ao aprendiz como atividade que escreva o *-ing* nos verbos. Mais uma vez, atividades sugeridas no AVA da disciplina observada são delimitadas em preenchimento de estruturas fixas e descontextualizadas. Desta forma, não é possível verificar a avaliação da aprendizagem significativa empreendida no aprendiz com atividades objetivas.

Write the *-ing* form of each verb:

- a. Watch – *watching*
- b. Wash – _____
- c. Sleep – _____
- d. Sing – _____
- e. Go – _____
- f. Dance – _____
- g. Hit – _____
- h. Swim – _____

Figura 3: Recorte de atividade sugerida

Fonte: Ava/ Moodle/UAB/UFAL





Como observado pelos autores (BATISTA, 2015; DUBOC, 2007; FABIANO, 1999; NEVADO et al., 2002) o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e suas dificuldades são simplesmente transferidas para o meio tecnológico de ensino com a mesma roupagem, sendo apenas repositórios de assuntos fragmentados repletos de atividades behavioristas e testes de níveis formadores de “pseudo-inovação reduzindo as novas possibilidades abertas pelo uso das tecnologias à simples otimização das práticas tradicionais” (NEVADO et al. 2002, p. 67).

Assim, tanto na modalidade presencial quanto no ambiente virtual às avaliações e atividades são classificatórias e seletivas. Acreditamos que não basta apenas usar tecnologias de informação e comunicação em práticas presenciais, semipresenciais ou a distância; “é fundamental perceber suas potencialidades e construir um planejamento flexível, colaborativo e de fato interativo, no qual as autorias sejam valorizadas, compartilhadas, historicizadas” (SANTOS e ARAÚJO, 2012, p. 116), pois para Lévy (2004), a mente não forma um todo coerente e harmonioso. Para ele, ela é constituída por peças e pedaços implicando em suas funcionalidades e aptidões mentais totalmente distintas. Heemann e Townsend (2015, p. 3) complementam que “não é possível avaliar a construção do conhecimento empreendida pelo aluno com testes objetivos”. Assim, a atividade e o método avaliativo não devem ser aplicados de forma padronizada, porque somos diferentes e precisamos de uma avaliação de aprendizagem adequada, neste caso apontado, visando todo o processo de desempenho do estudante com atividades que enfoquem em línguas estrangeiras.

6. Conclusão

Durante as pesquisas realizadas, verificamos que nas análises das atividades sugeridas no AVA da disciplina no Curso em licenciatura promoveram ao aprendiz permanecer apenas como um receptor ou emissor vazio, sem questionamentos e reflexões. Batista (2015) revela que hoje é difícil falar sobre pureza de método e pensamentos construídos de maneira isolada, pois com a EaD várias possibilidades podem ser ainda mais aprimoradas com a tecnologia aos ensinamentos de Língua Estrangeira. Silva e Cilento (2014, p. 208) sugerem reinventar as práticas docentes classicamente construídas entre quatro paredes, sendo necessário o professor ser “inserido no contexto da cultura digital, desenvolvendo atitudes, modos de pensamento e práticas comunicacionais interativas no ciberespaço”.

Sabemos que diagnosticar a avaliação da aprendizagem de um estudante baseando apenas por atividades não resultam em uma prática adequada e que todo esse processo interfere no desenvolvimento de cognição do aprendiz. Desta forma, como já mencionado, não basta apenas à aplicabilidade e usabilidade de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em práticas presenciais, semipresenciais ou à distância, já que em muitos momentos presenciamos na pesquisa que a tecnologia é nova, mas metodologia permanece intacta com estruturas fixas de enunciados e respostas intencionando apenas a transmissão de informação. Por fim, é primordial potencializar essas ferramentas/recursos disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem e promover uma educação à distância significativa e uma avaliação de aprendizagem desejável.





7. Referências

- APARICI, R. (org). Conectados no ciberespaço. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ALMEIDA, M. E. B. Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. 2003.
- ARAÚJO JÚNIOR, C. F. de; MARQUESI, S. C. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). A educação à distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009, p. 358 -368.
- ANTUNES, C. A Avaliação da Aprendizagem Escolar. Petrópolis: Vozes, 2002. 55p.
- BATISTA, I. B. Métodos de ensino em língua inglesa: por uma abordagem mais comunicativa nas escolas públicas Revista Letras Fafibe, Bebedouro- SP, 5 (1), 2015. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistalettrasfafibe/sumario/34/30032015204436.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2016.
- BURINI, E. R. V.; PINHEIRO, A. C. da F. B. A avaliação como medida do aprendizado no ensino da engenharia. COBENGE, 2003. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2003/artigos/AVA360.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2016.
- BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. Educ. Soc., Abril 2002, vol.23, n. 78, p.117-142.
- CASTRO, L. C. C. de; PEREIRA A. de Q. Planejamento, mediação pedagógica e avaliação em EAD. Revista Intersaberes, v. 9, n. 17, 2014. ISSN 1809 7286. Disponível em: <<http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/568/375>>. Acesso em 20 de maio de 2016.
- COSTA, C. J.; PARAGUAÇU, F; PINTO, A. Experiências interativas com ferramentas midiáticas na tutoria on-line. Em Aberto. Brasília: INEP. v. 1, 2009.
- COLL, C; MONERO, C. Psicologia da Educação Virtual: Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Porto Alegre: Artmed 2010.
- DUBOC, Ana P. M. A avaliação da aprendizagem de língua inglesa segundo as novas teorias de letramento. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/8669/8010>. Acesso em 04 de março de 2016.
- FABIANO, K. P. O ensino da língua inglesa através do método tradução gramática nas escolas de ensino médio no município de nova Venécia. Faculdade de Nova Venécia. Diário Oficial da União, 28/08/1999. Acesso em 04 de março de 2016.
- FRIAS, M. A. E. ; TAKAHASHI, R. T. Avaliação do processo ensino-aprendizagem: seu significado para o aluno de ensino médio de enfermagem. Rev Esc Enferm USP 2002; 36(2): 156-63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n2/v36n2a07.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2016.
- FIDALGO, S. S. A avaliação de Ensino-aprendizagem: ferramenta para a formação de agentes críticos. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica - PUCSP, 2002.
- GERALDINI, A. F. S. Formação de professores de línguas na sociedade do conhecimento: a necessária apropriação das tecnologias digitais de informação e comunicação. In:





- GERALDINI, A. F. S.; LOBATO, M. C. A.; CUNHA, A. L. A.(Orgs.). Educação a Distância: particularidades e desafios. Belém: AEDI, pp. 22-42, 2015. Disponível em: <http://www.aedi.ufpa.br/editora/arquivos/leonel.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2016.
- GERVAI, S. M. S.; NININ, M. O. G. Mediação pedagógica: uma reflexão sobre a produção de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: GERALDINI, Alexandra F. S.; LOBATO, M. C. A.; CUNHA, A. L. A.(Orgs.). Educação a Distância: particularidades e desafios. Belém: AEDI, pp. 174-193, 2015. Disponível em: <http://www.aedi.ufpa.br/editora/arquivos/leonel.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2016.
- Gil, A. C. Como elaborar projetos e pesquisa. 3a ed. São Paulo: Atlas; 1995:58.
- HEEMANN, C. ; TOWNSEND, E. C. S. Diários de bordo e a avaliação formativa em EaD. Revista Texto Livre, XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online, n.13, p., jun/2015. Disponível em: <http://evidosol.textolivre.org> <http://evidosol.textolivre.org/papers/2015/upload/44.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2016.
- IAHN, L.F. Concepções e políticas em educação à distância. In: POLAK, Y.N. S. A construção do percurso em educação à distância: formação de tutores. Curitiba: editora própria, 2002.
- LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004, 13ª. Edição.
- LIBÂNEO, J. C. Didática. Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor, 1994.
- LOPES, C. R. Avaliação comunicativa de línguas: uma análise de testes escritos. In: DALACORTE, M. C. F.; MELLO, H. A. B. de. A sala de aula de língua estrangeira. Goiânia: UFG, 2000.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem. São Paulo/SP: Cortez 2011, p.149-294.
- MORAES, E. M. de; SILVA, M. T. da; BATISTA, E. A. Identificando o desempenho do aluno da EaD: relação entre as aprovações e as interações no AVA. XXXV Encontro nacional de engenharia de produção- ENEGEP. Fortaleza, 13 a 16 de out. de 2015.
- NININ, M. O. G.. Da pergunta como ato monológico avaliativo à pergunta como espaço para expansão dialógica. Uma investigação à luz da Linguística Aplicada sobre modos de perguntar. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- NEVADO, R. A.; FAGUNDES, L.C.; BASSO, M. V. et al. Um recorte no estado da arte: o que está sendo produzido? O que está faltando segundo nosso sub paradigma: Revista Brasileira de Informática na Educação, v.1, n.10, p. 61-68, abr. 2002.
- PESSÔA, R. A. O efeito retroativo de um exame de seleção no ensino de inglês. trab. ling. aplic., Campinas, 43 (2): 287-305, jul./dez. 2004 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v43n2/a06v43n2.pdf>. Acesso em 05 de março de 2016.
- PATTON, M. Qualitative research and evaluation methods. Londres, Thousand Oaks: Sage Publications, 2002.
- ROGERS, Y; SHARP, H.; PREECE, J. Design de interação: além da interação humano computador. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- SCARAMUCCI, M.V.R. Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais. Trabalhos de Linguística Aplicada. Trab.Ling. Aplic. Campinas, n.36, p. 11-22, jul/dez. 2000.
- SILVA, C. V. e. A auto-avaliação do envolvimento dos alunos nas aulas de língua inglesa na 1ª. Etapa do ciclo III. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás.





SILVA, A. C. O. da. O ensino de inglês instrumental no ensino médio e técnico. Revista Práticas de Linguagem – UFGJ, v. 4, n. 1, p. 263-266, jan./2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2009/11/ANAIS-DO-II-COL%C3%93QUIO-DE-LETRAMENTO-LINGUAGEM-E-ENSINO.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2016.

SANTOS. E.; ARAÚJO, M.M. Como avaliar a aprendizagem online? Notas para inspirar o desenho didático em educação online. Edu. foco, v.17, n.2, p.103-119, 2012.

SILVA, M.; CILENTO, S.A. Formação de Professores para Docência Online: considerações sobre um estudo de caso. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade – Salvador, v. 23, n. 42, p. 207- 218, jul./dez 2014.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. Revista SOCERJ. Rio de Janeiro, 20 (5): 383-386 setembro/outubro. 2007. Disponível em: http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf. Acesso em 07 de março de 2016.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

